

A DINÂMICA NA (/DA) HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA: POSIÇÕES E DESLOCAMENTOS DE “CAMADAS”*

Pierre Swiggers**

 <http://orcid.org/0000-0001-9814-2530>

Como citar este artigo: SWIGGERS, P. A dinâmica na (/da) história da linguística: posições e deslocamentos de “camadas”. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-9, jan./abr. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETL2012968

Submissão: novembro de 2019. **Aceite:** dezembro de 2019.

Resumo: O artigo discute, em termos meta-historiográficos, a adoção da noção de camadas na pesquisa em historiografia da linguística, tendo em vista captar, em uma visão dinâmica, o desenvolvimento dos estudos da linguagem. Nosso objetivo final deve ser obter uma compreensão melhor e mais precisa do que aconteceu, como aconteceu e por que algo não aconteceu (em um determinado momento) na história do estudo da linguagem.

Palavras-chave: Historiografia da linguística. História da linguística. Meta-historiografia. Camadas. Narrativa historiográfica.

* Tradução de Ronaldo de Oliveira Batista – professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – e Antonio Ackel – Universidade de São Paulo (USP) .

** Katholieke Universiteit Leuven, Lovaina, Bélgica. *E-mail:* pierre.swiggers@arts.kuleuven.be

■ **N**esta contribuição¹, será abordado² um tema central da pesquisa meta-histórica³: a questão da narrativa da dinâmica da disciplina particular cuja história é descrita e narrada. A disciplina aqui abordada é o estudo da linguagem que somente no século XIX passou a ser chamada de “lingüística”⁴. Não vou entrar na intrincada questão de como e até que ponto a “lingüística” estava entrelaçada com outros campos de estudo, tais como etnografia, filosofia, história, botânica, geologia e geografia (esse é um tópico altamente relevante para o tratamento histórico do processo de “formação de uma disciplina”). Também não vou entrar na questão sobre que tipos de conteúdo (empírico e teórico) foram contemplados no uso do termo “lingüística” durante o século XIX (e depois)⁵.

Historiadores da lingüística, ou seja, praticantes de historiografia lingüística⁶, geralmente têm lidado com a dinâmica da história da lingüística de uma forma que eu chamaria de “indireta”, ou seja, não focando na dinâmica em si, mas nas mudanças resultantes. Essas mudanças resultantes têm sido estudadas do ponto de vista dos atores envolvidos nessas mudanças – ou seja, lingüistas que individualmente apresentam novas ideias ou desenvolvem novas técnicas – ou de um ponto de vista mais “distanciado”, no qual a suposição geral é que as coisas mudam porque o tempo passa: o passar do tempo traz, mais cedo ou mais tarde, mudanças nas perspectivas e nas formas de ver o objeto de estudo e lidar com ele.

A desvantagem das duas abordagens – a primeira consiste em propor explicações “locais” ou “casuísticas” e a segunda oferece uma explicação “holística” – reside no fato de que elas não vêm para lidar com a evolução da disciplina vista de dentro, ou seja, vista como um corpo de conhecimento, de práticas e técnicas, de crenças. O assunto fundamental a ser considerado é o fenômeno complexo de uma disciplina em desenvolvimento vista em si mesma.

Explicar a dinâmica de uma disciplina – no nosso caso, a lingüística – é explicar mudanças⁷. Assim como no caso do estudo da mudança lingüística (uma

- 1 Este artigo é uma versão completamente revisada de um texto que apareceu sob o título “Another brick in the wall: the dynamics of the history of linguistics” (SWIGGERS, 2006). O termo *layer* utilizado nesse texto foi traduzido, em trabalhos posteriores de historiadores da lingüística, para o espanhol como *capa*, também usado em português. Como judiciosamente apontado por Ronaldo de Oliveira Batista, o termo *capa* em português (referindo-se a um pano ou a um tipo de roupa ou embalagem) não é uma tradução adequada, e o equivalente em português apropriado é *camada*. Agradeço ao Dr. Batista por essa e outras observações, bem como pela sua tradução do presente texto. Agradeço também à professora Cristina Altman e à Dra. Bruna Polachini (Universidade de São Paulo) por inspirarem discussões sobre questões de meta-historiografia.
- 2 Em vários outros artigos, tenho lidado com questões meta-históricas – mais recentemente em Swiggers (2017, 2019a). Para uma discussão de problemas básicos (definição, periodização e declarações descritivas) e orientações em historiografia lingüística, ver Swiggers (1983, 2003, 2004); para reflexões sobre modelos em historiografia lingüística, ver Swiggers (1990, 2004); a questão da (meta)lingüística histórica é tratada em Swiggers (1987); para uma discussão sobre a natureza e evolução do conhecimento lingüístico/gramático, ver Swiggers (1991). Discuti problemas, métodos e modelos na historiografia lingüística em Swiggers (2004, 2012, 2013, 2015, 2019a).
- 3 Alguns estudiosos da historiografia da lingüística afirmam que é supérfluo fazer a distinção entre historiografia e meta-historiografia. Na minha opinião, tal distinção é útil (cf. também SCHMITTER, 1990) e justificada (de fato, devemos marcar claramente a distinção entre a história da lingüística, a historiografia da lingüística e a meta-historiografia em sua aplicação à historiografia da lingüística) (cf. SWIGGERS; DESMET; JOOKEN, 1998). A meta-historiografia é sobre como a historiografia tem sido praticada, pode ser feita e deve ser praticada (envolve componentes avaliativos, construtivos e normativos), e também deve nos fazer refletir sobre 1. a delimitação da “lingüística” de um ponto de vista histórico, 2. a relevância da historiografia lingüística para a lingüística (geral) e 3. a integração da historiografia lingüística no currículo educacional dos futuros lingüistas. Os escritos dos já falecidos Klaus Dutz (1986, 1990, 1991) e Peter Schmitter (1982, 1990, 1999, 2003) abriram caminho para o devido reconhecimento da meta-historiografia – ver as contribuições em Schmitter e Wal (1998). Várias questões de meta-historiografia também foram tratadas por Konrad Koerner; ver os artigos orientados teoricamente em seus estudos coletados (KOERNER, 1978, 1989, 1995, 1999, 2004).
- 4 Sobre as origens do termo (e o seu conteúdo original), ver Swiggers (1996, com mais referências bibliográficas).
- 5 Para uma visão geral da concepção e prática da lingüística no século XIX, ver Swiggers (2011).
- 6 Para uma introdução e visão geral do campo da historiografia lingüística, ver Batista (2013).
- 7 A “não mudança” ou retenção deve ser incluída no conceito geral de mudança: é “mudança amorfa” ou “mudança sem substituição” (cf. HOENIGSWALD, 1960, p. 14).

expressão que inclui não apenas inovação, mas também retenção), faremos bem em aceitar *causas múltiplas* ou o princípio da multiplicidade fatorial. “Causa múltipla” é um conceito operacional bem conhecido nas ciências médicas, na psicologia, nos estudos de direito e no cálculo de risco. Foi introduzido como um conceito explicativo na linguística (diacrônica) por Yakov Malkiel (1967). O conceito é baseado no princípio probabilístico de uma explicação etiológica que leva em conta vários fatores interativos que são responsáveis por um novo evento ou uma mudança em uma situação. Além da multiplicidade de interações com outras disciplinas, é apropriado conceber a dinâmica⁸ da ciência da linguagem em termos de múltiplo condicionamento e estimulação.

A adoção de uma visão de “condicionamento múltiplo” implica que devemos abster-nos de explicações absolutas e monolíticas e estar preparados para adotar uma posição (mais) relativizante⁹ e reconhecer a (possível) complementaridade de modelos divergentes utilizados na história da ciência, como o “modelo paradigma-revolução” de Kuhn (1962, 1977), o modelo “programa de pesquisa” desenvolvido por Lakatos (1978, especialmente o v. 1), o modelo estruturalista proposto por Stegmüller (1979), o modelo axiomático (e “não declarativo”) de Sneed (1971) e também a visão “anarquista” de Feyerabend¹⁰.

Uma posição relativizante¹¹ sobre a descrição¹² e explicação do desenvolvimento na ciência não exclui a construção de um *metamodelo* que contemple as dimensões condicionantes na evolução de uma disciplina.

Tal metamodelo requer um relato em *camadas* do desenvolvimento de qualquer disciplina científica. Com a expressão “relato em camadas”, refiro-me ao tipo de descrição que Peter Galison (1987, 1997) ofereceu do desenvolvimento da microfísica, uma disciplina que tem uma história relativamente recente. Galison analisa a história da microfísica vendo-a como a evolução da atividade científica envolvendo três camadas¹³: experimental (referente a experimentos de laboratório), instrumental (constituída por equipamentos técnicos) e teórica.

As três camadas são comparáveis a camadas de tijolos que formam uma parede: da mesma forma que os tijolos das várias camadas não são exatamente sobrepostos entre si (precisamente para tornar a construção mais sólida), os blocos dentro das três camadas da atividade científica não são coextensivos em perspectiva vertical. O que é específico para a história das ciências experimentais contemporâneas é o fato de o trabalho dentro das três camadas ser normalmente executado por pessoas diferentes. Nos séculos XVI e XVII, a situação era diversa: os primeiros estudiosos modernos eram teóricos construtores, bem como construtores de instrumentos e executores de experimentos.

8 A dinâmica de uma ciência é, em uma medida crucial, uma dinâmica de visões teóricas (em relação à estrutura de construções teóricas): para uma abordagem a partir da filosofia da ciência, ver Stegmüller (1973). No entanto, a dinâmica de uma disciplina é um processo muito mais complexo e abrangente do que seu desenvolvimento teórico (interno).

9 Uma que combine o reconhecimento da relação entre continuidade *E* descontinuidade, da dialética dos esforços pioneiros *E* dos trabalhos de rotina, do entrelaçamento da orientação teórica *E* da orientação para os dados, da tensão fecunda entre universalismo *E* particularismo.

10 Para uma interessante confrontação entre a visão do “programa de pesquisa científica” e a postura anarquista, ver a correspondência entre Lakatos e Feyerabend publicada em Motterlini (1999).

11 Tal postura relativizante estaria em conformidade com a visão pós-estruturalista da história das mentalidades (em francês: *histoire des mentalités*), conforme delineado na análise de Foucault (1966) de mudanças de epistemes.

12 Koerner (1982) analisa e avalia uma série de modelos (ou representações esquematizadas) – alguns deles mutuamente compatíveis – para a descrição do desenvolvimento de uma ciência: o modelo de progresso por acumulação, o modelo corrente dominante *versus* correntes marginais, o modelo de oscilação pendular, o modelo de descontinuidade *versus* continuidade, o modelo de progresso relativo e o modelo de influência extralinguística.

13 O modelo de três camadas de Galison é, em essência e espírito, muito diferente do modelo tripartido de Laudan (1984).

Linguística ou o campo do estudo da linguagem¹⁴ não é, naturalmente, microfísica. Ela é, por um lado, menos dependente de experimentos¹⁵ (embora, em alguns subcampos da linguística, o termo “experimento” seja comumente usado) e é, por outro, ainda uma disciplina mais “integrada”, com uma separação menos rígida entre teoria e prática. No entanto, a acumulação muito mais frequente de papéis na pessoa de um único acadêmico não nos deve levar a concluir que a prática em linguística é como uma monocamada.

De fato, parece aconselhável construir um metamodelo para a dinâmica da linguística que inclua *quatro* camadas interativas¹⁶:

- uma camada TEÓRICA, isto é, a de ideias, *insights*, declarações teóricas e suposições;
- uma camada TÉCNICA, no sentido de trabalho técnico-linguístico, do qual o grau de tecnicidade está, até certo ponto, ligado à teoria;
- uma camada DOCUMENTAL, constituída pela documentação linguística disponível num determinado momento; por exemplo, que línguas (indo-europeias/semíticas/tupi-guarani/sino-tibetanas etc.) eram conhecidas pelos estudiosos de línguas num tempo t_0 ?; o que se sabia sobre a diversificação histórica e sociolinguística de uma língua L_1 em um tempo t_0 ?; que tipos de material (sob que forma?) estavam disponíveis para o estudo (da gramática/do vocabulário...) de L_1 num tempo t_0 ? etc.;
- uma camada CONTEXTUAL-INSTITUCIONAL, constituída pelas configurações (mais ou menos definidas) – contextos socioculturais e estabelecimentos institucionais específicos – em que o trabalho linguístico foi e está inserido.

A figura a seguir oferece uma representação esquemática:

| | | | | |
|---------------------------------|--|--|--|--|
| Camada teórica | | | | |
| Camada técnica | | | | |
| Camada documental | | | | |
| Camada contextual-institucional | | | | |

A utilização de um metamodelo em camadas para descrever e explicar a dinâmica da história da linguística oferece uma série de vantagens:

- 1) Em primeiro lugar, o metamodelo nos ajuda a compreender, descrever e explicar por que a inovação e a estagnação podem coocorrer (por exemplo, inovações teóricas com um *status quo* institucional, técnico e/ou documental) ou por que uma mudança no nível documental (primeiro acesso a línguas ou famílias linguísticas não estudadas até então) não envolve ne-

¹⁴ Para uma breve visão geral do domínio, ver Swiggers (1998).

¹⁵ Como tal, a relação específica entre “observação”, “descoberta” e “explicação” nas ciências naturais (cf. HANSON, 1958, 1971) não pode ser transposta para a linguística.

¹⁶ A coexistência integrada das quatro camadas dentro de uma configuração científico-institucional é adequadamente capturada pela noção de *cyonura* (de Hymes (1974)).

cessariamente mudança na formação de uma teoria ou em dispositivos descritivos.

- 2) Em segundo lugar, o metamodelo em camadas explica fenômenos como a teorização ou prática “antecipatória”, bem como ideias e abordagens “obsoletas”.
- 3) Em terceiro lugar, o modelo permite-nos ligar a dinâmica da disciplina de múltiplas formas: mudanças intracamada, mudanças na relação entre duas camadas ou sobreposição mutável das quatro camadas. Mudanças globais e verdadeiramente radicais (correspondentes ao que Kuhn identificou como “revoluções” nas ciências naturais) são provavelmente um caso de mudanças coincidentes ou “conversões” em todas as camadas; tais casos podem ser bastante excepcionais na história do estudo da linguagem¹⁷.
- 4) Em quarto lugar, o metamodelo em camadas pode funcionar como um padrão de referência para vários tipos de empreendimentos historiográficos em linguística: pode-se tomá-lo como ponto de partida para estudar o lugar (mais ou menos conservador ou “normal”) de um determinado estudioso no que diz respeito à situação de cada uma das quatro camadas em seu tempo ou para estudar o papel de uma escola/modelo com referência a essas camadas (especialmente as camadas teóricas e técnicas), já que as escolas e os modelos na linguística geralmente se identificaram com (às vezes supervalorizadas) mudanças na teoria e prática da disciplina, e o modelo pode ser usado para estudar desenvolvimentos globais na história da disciplina¹⁸.

A imagem de uma parede com várias camadas não deve ser tomada como uma explicação absoluta. Nossos dados a serem narrados (= *explananda*) na historiografia da linguística são fatos, séries e redes de fatos: estes devem ser explicados com “substância” adicional, fornecida pela história da ciência, pela história das instituições, pela história das sociedades e culturas e pelas histórias pessoais das figuras individuais: aqui as questões de pensamento racional, ideologia¹⁹, ética e psicologia, bem como sorte e acaso, fluirão juntas.

Como tal, o metamodelo multicamadas deve ser lido numa perspectiva tridimensional, como filas de blocos de tijolos uns atrás dos outros: filas que contêm princípios teóricos e técnicos concorrentes e que se baseiam em moldes contextuais e institucionais divergentes. Nosso objetivo final deve ser obter uma compreensão melhor e mais precisa do que aconteceu, como aconteceu e por que algo não aconteceu (em um determinado momento) na história do estudo da linguagem.

17 Para uma visão crítica sobre a aplicabilidade do modelo de Kuhn à história da linguística, ver Percival (1976).

18 Não posso entrar no problema da incomensurabilidade (e da possível incomparabilidade; não equaciono ambos os termos) das teorias linguísticas (ver TEN HACKEN, 1997), nem na forma como esta pode ser tratada em termos do modelo de três camadas. Para a visão modificada de Kuhn sobre incomensurabilidade, ver Kuhn (1989, p. 10-12); ver também Swiggers (2004, p. 135-136). Alguns filósofos da ciência (por exemplo, Feyerabend) não consideraram importante a questão da (in)comensurabilidade.

19 A abordagem historiográfica das ideologias no trabalho implica uma complexa rede de fatores e tem que apelar para uma conjunção de ferramentas analíticas, como argumentação racional/análise do discurso, documentação histórica institucional, análise das relações de poder e análise retórica, as quais têm de ser fundamentadas em pontos de vista sobre a sociologia e psicologia (incluindo psicopatologia) de personalidades e comunidades. Isso exige um quadro de análise sociopragmática abrangente. Para estudos de caso interessantes, ver, por exemplo, Harris (1993) e Batista (2015). Sobre a complexidade das ideologias da linguística, juntamente com as ideologias da linguagem, ver Swiggers (2019b).

THE DYNAMICS IN (/OF) THE HISTORY OF LINGUISTICS: POSITIONS AND DISPLACEMENTS OF “LAYERS”

Abstract: The article discusses in metahistoriographic terms the adoption of the notion of layers in historiography of linguistics researches in order to capture, in a dynamic view, the development of language studies. Our ultimate goal is to gain a better and more accurate understanding of what and how something happened or not (at a given time) in the history of language study.

Keywords: Historiography of linguistics. History of linguistics. Metahistoriography. Layers. Historiographic narrative.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, R. de O. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.
- BATISTA, R. de O. Retórica de ruptura e descontinuidades nas ciências da linguagem: um estudo pela historiografia da linguística. *Confluência*, n. 49, p. 119-141, 2015.
- DUTZ, K. D. Historiographie der Semiotik: Fragen und methodische Probleme. In: DUTZ, K.; SCHMITTER, P. (ed.). *Geschichte und Geschichtsschreibung der Semiotik*. Münster: Nodus, 1986. p. 11-37.
- DUTZ, K. D. Methodologische Probleme in der Rekonstruktion sprachwissenschaftlichen Wissens: Geschichte und Geschichten. In: HÜLLEN, W. (ed.). *Understanding the historiography of linguistics: problems and projects*. Münster: Nodus, 1990. p. 49-60.
- DUTZ, K. D. Kompensationsprozesse und ihre Folgen – Interesse und Erkenntnis: Bemerkungen zur historiographischen Diskussion. In: SCHLIEBEN-LANGE, B. et al. (ed.). *Europäische Sprachwissenschaft um 1800*. Methodologische und historiographische Beiträge zum Umkreis der Ideologie. Münster: Nodus, 1991. v. 2, p. 289-305.
- DUTZ, K. D.; SCHMITTER, P. (ed.). *Geschichte und Geschichtsschreibung der Semiotik*. Münster: Nodus, 1986.
- FOUCAULT, M. *Les mots et les choses*. Une archéologie des sciences humaines. Paris: Gallimard, 1966.
- GALISON, P. *How experiments end*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- GALISON, P. *Image and logic*. A material culture of microphysics. Chicago: University of Chicago Press, 1997.
- HANSON, N. *Patterns of discovery*. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.
- HANSON, N. *Observation and explanation*. A guide to the philosophy of science. New York: Harper & Row, 1971.
- HARRIS, R. A. *The linguistics wars*. Oxford, New York: Oxford University Press, 1993.
- HOENIGSWALD, H. M. *Language change and linguistic reconstruction*. Chicago: University of Chicago Press, 1960.

- HÜLLEN, W. (ed.) *Understanding the historiography of linguistics: problems and projects*. Münster: Nodus, 1990.
- HYMES, D. H. Introduction: traditions and paradigms. In: HYMES, D. H. (ed.). *Studies in the history of linguistics*. Bloomington: Indiana University Press, 1974. p. 1-38.
- KOERNER, E. F. K. *Toward a historiography of linguistics: selected essays*. Amsterdam: J. Benjamins, 1978.
- KOERNER, E. F. K. Models in linguistic historiography. *Forum Linguisticum*, v. 3, n. 6, p. 189-201, 1982.
- KOERNER, E. F. K. *Practicing linguistic historiography: selected essays*. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1989.
- KOERNER, E. F. K. *Professing linguistic historiography*. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- KOERNER, E. F. K. *Linguistic historiography: projects & prospects*. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 1999.
- KOERNER, E. F. K. *Essays in the history of linguistics*. Amsterdam, Philadelphia: J. Benjamins, 2004.
- KUHN, T. A. *The structure of scientific revolutions*. Chicago: University of Chicago Press, 1962.
- KUHN, T. A. *The essential tension*. Selected studies in scientific tradition and change. Chicago: University of Chicago Press, 1977.
- KUHN, T. A. Possible worlds in history of science. In: ALLÉN, S. (ed.). *Possible worlds in humanities, arts and sciences*. Berlin: De Gruyter, 1989. p. 9-32.
- LAKATOS, I. *Philosophical papers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978. 2 v.
- LAUDAN, L. *Science and value*. The aims of science and their role in scientific debate. Berkeley: University of California Press, 1984.
- MALKIEL, Y. Multiple versus simple causation in linguistic change. In: *To honor Roman Jakobson: essays on the occasion of his seventieth birthday*. The Hague: Mouton, 1967. p. 1228-1246.
- MOTTERLINI, M. (ed.). *For and against method: including Lakatos' lectures on scientific method and the Lakatos-Feyerabend correspondence*. Chicago: University of Chicago Press, 1999.
- PERCIVAL, W. K. The applicability of Kuhn's paradigms to the history of linguistics. *Language*, n. 52, p. 285-294, 1976.
- SCHMITTER, P. *Untersuchungen zur Historiographie der Linguistik: Struktur – Methodik – theoretische Fundierung*. Tübingen: Narr, 1982.
- SCHMITTER, P. Historiographie und Metahistoriographie. In: HÜLLEN, W. (ed.). *Understanding the historiography of linguistics: problems and projects*. Münster: Nodus, 1990. p. 35-48.
- SCHMITTER, P. Positivismus, Interpretation und Objektivität in der Wissenschaftsgeschichtsschreibung der Linguistik. *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft*, n. 9, p. 193-208, 1999.

- SCHMITTER, P. *Historiographie und Narration*. Metahistoriographische Aspekte der Wissenschaftsgeschichtsschreibung der Linguistik. Tübingen: Narr; Seoul: Sowadalmmedia, 2003.
- SCHMITTER, P.; WAL, M. VAN DER (ed.). *Metahistoriography*. Theoretical and methodological aspects of the historiography of linguistics. Münster: Nodus, 1998.
- SNEED, J. D. *The logical structure of mathematical physics*. Dordrecht: Reidel, 1971.
- STEGMÜLLER, W. *Theorie und Erfahrung*, II: Theorienstruktur und Theoriendynamik. Berlin: Springer, 1973.
- STEGMÜLLER, W. *The structuralist view of theories*. Berlin: Springer, 1979.
- SWIGGERS, P. La méthodologie de l'historiographie de la linguistique. *Folia Linguistica Historica*, n. 4, p. 55-79, 1983.
- SWIGGERS, P. Remarques sur le langage historiographique. In: RION, P. (ed.). *Histoire sans paroles*. Louvain-la-Neuve: Peeters, 1987. p. 29-48.
- SWIGGERS, P. Reflections on (models for) linguistic historiography. In: HÜLLEN, W. (ed.). *Understanding the historiography of linguistics: problems and projects*. Münster: Nodus, 1990. p. 21-34.
- SWIGGERS, P. Creuser dans l'histoire des sciences du langage: vers une archéologie du savoir linguistique. In: SAINT-GERAND, J.-P. (ed.). *La constitution du document en histoire des sciences du langage*. Poitiers: Publications UFR Poitiers, 1991.
- SWIGGERS, P. A note on the history of the term *linguistics*. With a letter from Peter Stephen Du Ponceau to Joseph von Hammer-Purgstall. *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft*, n. 6, p. 1-17, 1996.
- SWIGGERS, P. Linguistics: the domain of linguistics; extensions of linguistics; interdisciplinary fields; history of linguistics. In: *Encyclopedia Americana*. New York: Grolier, 1998. v. 17, p. 524-532.
- SWIGGERS, P. History of linguistics: overview. In: FRAWLEY, W. (ed.). *Oxford encyclopedia of linguistics*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2003. v. 2, p. 180-183.
- SWIGGERS, P. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. In: CORRALES ZUMBADO, C. et al. (ed.). *Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística*. Madrid: Arco Libros, 2004. v. I, p. 113-146.
- SWIGGERS, P. Another brick in the wall: the dynamics of the history of linguistics. In: NOORDEGRAAF, J.; VONK, F.; WAL, M. VAN DER (ed.). *Amicitia in Academia*. Composities voor Els Elffers. Münster: Nodus, 2006. p. 21-28.
- SWIGGERS, P. History and historiography of linguistics: status, standards and standing. *Eutomia – Revista Literatura e Linguística*, n. 2/3, 2010. Disponível em: <http://www.Revistaeutomia.com.br/eutomia-ano3-volume2-destaques.html>.
- SWIGGERS, P. 19th century linguistics: practice and theory. In: KORTMANN, B.; AUWERA, J. VAN DER (ed.). *The languages and linguistics of Europe*. A comprehensive guide. Berlin: De Gruyter Mouton, 2011. p. 805-820.
- SWIGGERS, P. Linguistic historiography: object, methodology, modelization. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, n. 14, p. 38-53, 2012.

- SWIGGERS, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência*, n. 44, p. 39-59, 2013.
- SWIGGERS, P. Directions for linguistic historiography. In: POLACHINI, B. et al. (ed.). *Cadernos de historiografia linguística do CEDOCH*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. p. 8-17.
- SWIGGERS, P. Linguistic historiography: a metatheoretical synopsis. *Todas as Letras*, n. 19, v. 2, p. 73-96, 2017.
- SWIGGERS, P. Historiografia da linguística: princípios, perspectivas, problemas. In: BATISTA, R. de O. (ed.). *Historiografia da linguística*. São Paulo: Contexto, 2019a. p. 45-80; bibl. p. 183-203.
- SWIGGERS, P. Ideologia lingüística: dimensiones metodológicas e históricas. *Confluência*, n. 56, p. 9-40, 2019b.
- SWIGGERS, P.; DESMET, P.; JOOKEN, L. Metahistoriography meets (linguistic) historiography. In: SCHMITTER, P.; WAL, M. VAN DER (ed.). *Metahistoriography*. Theoretical and methodological aspects of the historiography of linguistics. Münster: Nodus, 1998. p. 29-59.
- TEN HACKEN, P. Progress and incommensurability in linguistics. *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft*, n. 7, p. 287-310, 1997.